

TIAGO REBELO

*ENCONTRO
EM JERUSALÉM*

ASA

1

Afonso pressentiu que havia algo de errado no momento em que começou a ouvir o rumor da multidão e o uivo iminente de sirenes na noite. Olhou em redor, inquieto, e não conseguiu localizar Francisca. Os jornalistas aguardavam a chegada dos primeiros-ministros de Portugal e de Israel numa das espaçosas salas de conferências do hotel King David, em Jerusalém. Há três dias que andavam a correr atrás do chefe de governo, fazendo a cobertura de uma visita a Israel cuja agenda quase o levava a atravessar o país de uma ponta à outra. Este último dia havia sido particularmente cansativo, com um passeio a pé pela Cidade Velha e uma passagem pelo Muro das Lamentações logo pela manhã. Fora uma caminhada muito pouco descontraída, numa luta permanente com os agentes de segurança israelitas, que cercavam os dois primeiros-ministros e impediam os jornalistas de se aproximarem. Atravessaram as ruas estreitas da Cidade Velha em passo acelerado e colados à comitiva oficial. Tinham sido avisados para não se deixarem ficar para trás. Havia uma grande tensão em Jerusalém e não era o momento adequado para se porem a fazer turismo, pois não seria a primeira vez que um ocidental era apunhalado pelas costas ao aventurar-se sozinho por aquelas ruelas labirínticas.

Durante a tarde, o primeiro-ministro visitara o Knesset, o parlamento israelita, após o que os jornalistas tinham ido a

correr para a sala de imprensa do hotel Sheraton, onde mergulharam na tarefa de escrever as suas notícias, num contra-relógio para conseguirem enviar o relato do dia antes dos fechos das edições.

Afonso e Francisca tinham acabado de se sentar com um prato quente na sala de jantar do hotel, quando foram informados por um dos assessores de imprensa do primeiro-ministro de que haveria uma conferência de imprensa surpresa dos dois chefes de governo dentro de uma hora. «É no King David», disse «e a carrinha sai do hotel daqui a quinze minutos.» Os jornalistas não se admiraram com o aviso em cima da hora. Era assim que funcionava a segurança israelita. Sempre que o primeiro-ministro Yitzhak Rabin ia a algum local, a informação era mantida em segredo até ao último momento. De modo que deixaram para trás os pratos intactos e dirigiram-se para a porta do hotel.

Agora, Afonso passava os olhos distraídos pelo *Jerusalem Post* quando começou a aperceber-se do burburinho lá fora, na rua King David. Levantou a cabeça instintivamente e reparou que Francisca já não estava na sala. Os outros jornalistas conversavam em voz baixa, sentados ao longo das filas de cadeiras que haviam sido alinhadas frente a uma mesa coberta com uma toalha verde, e, em cima, podiam ver-se duas garrafas de água, dois copos e um ramo de flores desenxabido que atrapalhava a colocação dos microfones. Atrás da mesa, uma grande placa com o logotipo do hotel. Afonso levantou-se e foi até à janela. Afastou a cortina, espreitou lá para baixo e assustou-se com o que viu.

Saiu da sala sem dizer palavra e atravessou o corredor alcatifado, quase a correr, até aos elevadores, mas a ansiedade crescente impediu-o de esperar que as portas se abrissem.

Procurou as escadas de serviço e começou a descer, saltando os degraus dois a dois.

Atravessou a porta que dava acesso a mais um corredor alcatifado e dirigiu-se para o átrio do hotel. No caminho, cruzou-se com um assessor de imprensa do primeiro-ministro.

— Onde vais, Afonso? — perguntou o assessor. — A conferência de imprensa vai começar.

— Viste a Francisca? — interrogou-o, inquieto.

— Não. Afonso, tens de vir já ou perdes a conferência de imprensa.

— Eu vou já — respondeu, seguindo no sentido contrário.

— Despacha-te! — gritou-lhe ainda o outro. Afonso virou-se para trás e arriscou um *bluff* de improviso com o assessor.

— Ouvi dizer lá em cima — mentiu — que iam tirar o Rabin do hotel por causa da confusão lá fora. Os tipos podem invadir o hotel. Parece que isto está demasiado perigoso. O assessor voltou-se, intrigado com o facto de Afonso estar tão bem informado.

— Não — respondeu —, os assessores dele garantiram-me que não o tiram daqui enquanto a conferência de imprensa não se realizar. Mas olha que estão a ficar nervosos. Querem despachar isto rapidamente.

— *Okay* — gritou Afonso, continuando a andar às arre-cuas. — Tenho só de encontrar a Francisca!

Chegado ao átrio, Afonso avançou para a porta do hotel, mas foi barrado por um homem à paisana, da segurança pessoal do primeiro-ministro, que lhe pôs uma mão no peito e fez um sinal significativo com a cabeça. *Não entra nem sai ninguém*, queria dizer.

Três dias antes, o primeiro-ministro português fora obsequiado com um almoço a bordo de um barco de recreio no

mar da Galileia — na realidade, um grande lago, que se dividia entre a actividade piscatória e o turismo. Afonso e Francisca tinham ficado numa mesa com outros jornalistas e, entre eles, sentaram-se dois tipos da segurança. Eram agentes da secção de protecção dos VIP, do Shabak, o serviço de segurança interna israelita. Pareciam saídos de uma unidade de produção, um era a fotocópia do outro, jovens, altos e magros, cabelo muito curto, olhos atentos e semblante fechado, camisas brancas de manga curta por fora de calças desportivas que, indubitavelmente, escondiam a arma de serviço entalada no cinto. Na altura, os jornalistas ensaiaram uma conversa amigável com os agentes mas estes não lhes retribuíram a amabilidade, preferindo não lhes responder. Ocasionalmente, no decorrer da refeição, trocaram algumas frases curtas entre si, mas ignoraram em absoluto as outras pessoas sentadas à mesa.

A conversa prosseguiu em português e Afonso comentou que o mais provável era os agentes não estarem autorizados a falar com os estrangeiros. Mas o caso afigurou-se-lhes de tal forma bizarro que, dali a pouco, estavam todos na galhofa com aqueles tipos seráficos, pedindo-lhes que passassem o cesto do pão ou perguntando-lhes se queriam vinho — como se eles bebessem álcool. Os agentes, obviamente habituados a estas situações, permaneceram imperturbáveis até os jornalistas se cansarem da brincadeira e retomarem a conversa normal. Durante o resto do almoço, Afonso ainda os surpreendeu uma vez a sorrirem de algo que murmuraram em hebreu.

Na altura, Afonso chegara a divertir-se com a atitude reservada dos agentes, mas agora, impedido de sair do hotel por um desses intransigentes seguranças mudos, já não achou graça nenhuma.

Um polícia fardado aproximou-se de Afonso, dirigindo-se-lhe em hebreu e ele, embora sem entender as palavras,

compreendeu que o homem queria que recuasse e se afastasse da porta do hotel. Contrariado, Afonso voltou-se para a janela estreita, fronteira à porta, esperançado em localizar Francisca, lá fora.

Havia uma barreira de polícias e soldados com bastões de madeira e metralhadoras *Galil* a tiracolo, que tentava conter os manifestantes e impedi-los de invadir o hotel. Os olhos de Afonso foram atraídos pelos *flashes* dos repórteres fotográficos no exterior e, entre eles, lá estava Francisca, bem no centro do furacão, como sempre indiferente ao perigo.

Ela não se encontrava muito longe. Afonso viu-a a tirar fotografias a não mais de três metros de uma cena de pancadaria entre civis furiosos e polícias que os agarravam pelos braços e pernas, e os arrastavam pelo chão de qualquer maneira; eles a espernear, excitados, como que possuídos pelo demónio, indomáveis, selvagens; e os polícias indiferentes ao histerismo, quase delicados na sua firmeza. Eram cerca de cem manifestantes, oriundos dos colonatos judeus nos territórios árabes ocupados, homens duros, resolutos nas suas crenças religiosas levadas ao fanatismo dos actos extremos. Usavam o solidéu, que lhes cobria a parte superior da cabeça, e invocavam os textos sagrados como argumento dogmático da sua razão, dos seus direitos, por muito que isso atropelasse algum, ou todos, os direitos dos palestinianos, que aspiravam a uma vida decente. Tinham o aspecto humilde dos trabalhadores anónimos e os mais religiosos ostentavam barbas cheias e longas suíças. Também havia mulheres e crianças que, tal como os homens, desafiavam as autoridades com modos descontrolados. A multidão berrava impetuosamente e agitava cartazes pregados a paus com frases intolerantes contra o primeiro-ministro, algumas delas, tão excessivas que lhe desejavam a morte, como se desejava aos traidores.

Na época, Yitzhak Rabin travava um combate político interno para anular a resistência dos sectores israelitas mais radicais, que se opunham à implementação de um acordo negociado em Oslo entre o governo e os palestinianos e que ficou conhecido pelo princípio da troca de terra por paz.

Dali a pouco, os paus dos cartazes dos manifestantes já serviam para atacar os polícias, que responderam a eito com bastonadas impiedosas. O barulho no exterior era ensurdecador. Turistas incrédulos ouviam o rumor do tumulto petrificados no átrio do hotel. Espreitando pela janela, Afonso testemunhou, angustiado, com um nó na garganta, a coragem de Francisca, que se arriscava a ser engolida pelo caos enquanto tirava fotografias, protegida apenas pela distância ilusória do visor da máquina. Em momentos como aquele, dizia Francisca, ao ver os acontecimentos através da câmara, conseguia abstrair-se do perigo e correr atrás da fotografia perfeita.

A violência raivosa dos manifestantes explodiu numa batalha campal, mas apanhou pela frente a disciplina férrea de homens feitos nos terrenos perigosos da Intifada palestiniana, que não se deixavam intimidar por um punhado de colonos histéricos e que não hesitaram em rachar algumas cabeças para fazer recuar a turba, numa profusão de sangue esguichado e narizes partidos. Os bastões de madeira sólida abateram-se sem remorsos e, sem olhar a quem, atingiram com a mesma determinação homens, mulheres e crianças, levando-os a fugir aos tropeções.

Uma linha de polícias formava uma barreira inflexível, assegurando a defesa do hotel, garantindo a sua inexpugnabilidade, enquanto outros agentes, em grande número, pescavam os mais exaltados, um a um, por pernas e braços e os arrastavam para os carros celulares que os levariam para a esquadra, onde os aguardava uma noite de detenção.

Chegaram ambulâncias e paramédicos para prestarem assistência aos feridos. Um homem alto e possante, de barba espessa e cabelo curto, que minutos antes, na primeira fila da manifestação, se atrevera a desafiar os policiais incitando os outros colonos a romper a barreira da autoridade, sentava-se agora no lancil do passeio, agarrado à cabeça sem conseguir estancar o sangue vivo que lhe tingia de vermelho a camisa branca e o casaco de malha azul. Um jovem casal que viera participar no protesto com o filho menor, escondia-se atrás de uma árvore, protegendo a criança aterrada com aquilo tudo. Uma rapariga com um longo cabelo ruivo, agarrada à bandeira branca e azul com a cruz de David — os dois triângulos sobrepostos entre duas faixas azuis —, tapava a boca com o símbolo da nação, deixando ver por cima do pano uns olhos castanhos assustados com a explosão de violência que tresmalhou os manifestantes num ápice. O espaço há pouco densamente povoado já só era uma imensa clareira pontuada por alguns colonos obstinados, que acabariam por ser arrastados pela polícia, e um ou outro ferido a receber cuidados médicos antes de ser levado para o hospital.

Francisca passou por entre os despojos da batalha com a máquina aperrada e disparou algumas sucessões rápidas de *flashes* para captar o estado dos feridos, a intervenção das equipas de socorro, o choque das crianças atrás dos braços envolventes dos pais, as expressões de revolta dos jovens colonos e de indignação dos mais velhos.

Do seu posto de vigia, na janela do hotel, Afonso apercebeu-se de que a tensão se esvaziara com a intervenção policial. Francisca já não corria perigo, concluiu, aliviado, ao ver os cartazes espalhados pelo chão. Tinham sido abandonados pelos manifestantes no atropelo da retirada. A maioria dos colonos

mantinha uma distância prudente da polícia e parecia demasiado desmotivada para arriscar um segundo assalto. Afonso lembrou-se da conferência de imprensa e bufou, irritado, a pensar que iria chegar atrasado. Deixou o átrio do hotel e voltou para a sala no piso superior onde os chefes de governo já falavam aos jornalistas.

Quando entrou na sala, a palavra estava com o primeiro-ministro israelita. Afonso viu-se obrigado a baixar-se para não atrapalhar as imagens das televisões ao passar entre a primeira fila da plateia e a mesa dos governantes. Arranjou um lugar livre na segunda fiada de cadeiras. Obviamente, perdera as declarações iniciais. Na tranquilidade da sala, contrastante com o estado de emergência da rua, os dois homens respondiam agora às perguntas dos jornalistas. Afonso respirou fundo para recuperar o fôlego e concentrou-se nas palavras do chefe do governo israelita.

«A manifestação de intolerância a que assistimos esta noite», dizia Yitzhak Rabin, «é um bom exemplo das enormes dificuldades que temos de enfrentar no caminho para a paz. No entanto», prosseguiu, «o meu governo vai provar que a maioria do povo de Israel apoia o processo de paz com os palestinianos e com o mundo árabe.

«Estamos absolutamente empenhados numa política que abra portas para um futuro seguro, tanto para os judeus como para os palestinianos. Mas também temos consciência de que é um caminho minado pelas acções desestabilizadoras levadas a cabo por extremistas de ambos os lados, que desejam boicotar os esforços pacificadores dos legítimos representantes das maiorias dos dois povos.»

Rabin fez uma pausa significativa e passou os olhos pela sala.

«Entre os palestinianos», disse, «há grupos terroristas muito poderosos, como o Hamas, que têm de ser travados para

salvar o processo de paz. E em Israel, uma eventual vitória nas próximas eleições do Likud, que representa a direita nacionalista, teria como resultado uma nova guerra contra os palestinos. Por isto se vê que estamos perante uma oportunidade única e, talvez irrepetível durante os próximos anos, que não devemos perder.»

Afonso observou aquele homem de voz rouca e expressão bondosa, olhos azuis comoventes e cabelo branco, que fazia lembrar um avô preocupado com o bem-estar dos seus, e pensou como era difícil imaginar a história da sua vida, cheia de guerras e perigos, uma vida que se confundia com a própria história da nação que agora governava. Rabin estivera na primeira linha do combate pela criação de Israel, nos seus tempos de jovem oficial do Palmach — unidade de choque do Haganah, a força militar judaica que se opunha à administração britânica na Palestina —, após a Segunda Guerra Mundial e combatera os árabes, esmagando toda a resistência com um coração de pedra. O Rabin de hoje não era o Rabin de antes. Havia um tempo de pólvora e um tempo de diplomacia.

Após a conferência de imprensa, Rabin despediu-se do primeiro-ministro português e demorou-se ainda alguns minutos à conversa com os jornalistas que o acompanharam ao elevador. Solícito, não se apressou a deixar o hotel e dispôs-se a falar informalmente com todos. Mesmo ali, no corredor do hotel, num ambiente controlado e rodeado de gente pacífica, Rabin continuava protegido por quatro guarda-costas do Shabak. O dispositivo de segurança à volta do chefe do governo era extremamente apertado. Inacreditavelmente, quatro meses mais tarde, Rabin seria assassinado com uma facilidade chocante por um fanático religioso, à saída de um comício na praça dos Reis, em Telavive.

Na noite de quatro de Novembro de 1995, no final de uma das maiores manifestações alguma vez realizadas naquela cidade, Rabin abandonou o palco onde acabara de discursar, genuinamente satisfeito, de alma cheia, aliviado, dono de uma enorme alegria. A convocação da manifestação a favor do processo de paz havia sido um risco político. Se o povo não tivesse aderido, o processo de paz teria morrido ali. Afinal, acabou mesmo por morrer, juntamente com o seu maior defensor.

Eram 21h50 em Telavive. Rabin aproximou-se da sua viatura blindada no parque de estacionamento fronteiro ao palco do comício. Depois de horas vividas sob enorme tensão, a segurança do primeiro-ministro começava finalmente a descomprimir. A presença de Rabin num evento ao ar livre, numa época de extraordinária crispação social e política, representava uma enorme dor de cabeça para os responsáveis pela sua protecção. A recente eliminação do dirigente máximo da Jihad Islâmica, ocorrida em Malta e atribuída aos serviços secretos israelitas, fazia reear uma retaliação. Afinal, o perigo veio donde menos se esperava.

Mais tarde, o inquérito ao assassinio de Rabin revelaria uma incrível série de falhas na segurança que permitiram o dramático desfecho mortal. Igal Amir, um judeu nacionalista de vinte e cinco anos, conseguiu passar despercebido durante quarenta minutos na área reservada, armado com uma *Beretta* de nove milímetros entalada na cintura e escondida pela *T-shirt* azul que trazia por cima das calças.

Quando o primeiro-ministro chegou ao carro oficial que o esperava com a porta aberta, foi interpelado por um estudante de jornalismo. Mais atrás, o assassino percebeu que só havia dois guarda-costas junto de Rabin e aproveitou a oportunidade para avançar. Igal Amir disparou o primeiro tiro à queimadura. Atingido nas costas, o primeiro-ministro foi projectado

ENCONTRO EM JERUSALÉM

para a frente, caindo no chão, junto à porta traseira do seu carro. Reagindo aos disparos, os agentes saltaram sobre Igal, mas não conseguiram evitar que ele apertasse mais duas vezes o gatilho. A segunda bala acertou novamente no alvo, a terceira atingiu a mão de um dos guarda-costas. Este, apesar de ferido, empurrou o primeiro-ministro para o banco traseiro da viatura, enquanto o motorista corria para o seu lugar ao volante, conforme estava treinado para reagir, e arrancou imediatamente. Demoraram menos de dois minutos a chegar ao hospital Ichilov, a cerca de quinhentos metros da praça dos Reis, mas foi tarde demais para salvar Rabin, ferido de morte por duas balas de fragmentação.

